

Ética de Platão

Eduardo Jablonski¹

Resumo:

Este ensaio tem por objetivo resgatar idéias sobre ética do filósofo Platão para transportá-las ao mercado de trabalho no início do século XXI, com o objetivo de refletir a respeito do comportamento profissional mais adequado nas diversas situações.

Palavras-chave:

Ética. Mercado de Trabalho. Filosofia.

Abstract:

This essay has the objective to use ideas about ethic by Plato and transfer them to the market at the beginning of the twenty century with the purpose to think about the more correct professional attitudes and thoughts in many situations.

Keywords:

Ethics. Market. Philosophy.

Podemos transportar as idéias éticas de Platão para o início do século XXI, a fim de contribuir para a compreensão do comportamento moral no mercado de trabalho. Damos outra leitura às reflexões do filósofo, adaptando-as aos objetivos propostos.

Quando jovem, Platão era político, mas decidiu afastar-se do Estado porque não via condições de pôr em prática o que julgava bom. Esse comportamento não é comum no mercado de trabalho. Não interessa o que a empresa faça: exploração de menores, comercialização

de produtos nocivos ao ambiente natural ou mesmo à saúde humana, tráfico de drogas. O funcionário, em geral, não se afasta, talvez por receio de não conseguir nova ocupação.

Os índices de desemprego aumentam em todas as regiões, e os motivos são vários, mas sempre há idealistas. No início dos anos 1990, um diretor autoritário de pequena empresa demitiu o gerente e pôs no lugar, pagando menos, um novato. Todos os demais pediram demissão. Portanto, embora a maioria não se afaste quando há prática imoral, alguns procedem dessa maneira.

Platão defendia o aprimoramento da qualidade de vida, se os governantes fossem filósofos. Reescrevendo a frase, dizemos que o administrador deve ser capacitado intelectualmente e estudioso das disciplinas que envolvem o dia-a-dia no mercado: administração de recursos humanos, marketing, custos, chão de fábrica, bem-estar do funcionário, direito comercial, macro e microeconomia etc. Só a capacitação, aliada à experiência, contribui para o administrador ter condições de perceber e até prever os problemas da companhia.

Certa vez, administrador muito elogiado de grande indústria de calçados de Novo Hamburgo disse não ser tão bom quanto comentavam, apenas colocava em prática o que aprendeu na faculdade, atitude que muitos não tomam. Em geral, os empresários não analisam as variáveis do mercado, apaixonam-se pelas idéias e abrem empreendimentos que, às vezes, não têm condições de vingar. Por isso, fecham as portas depois de 12 meses de operação.

¹ Graduado em Letras/Inglês (Unilasalle), especialista em Inglês (Unilasalle), especialista em Ética (Unilasalle), mestre em Literatura Brasileira (UFRGS). É professor universitário na Faculdade Cenecista Nossa Senhora dos Anjos (Facensa), de Gravataí, Faculdade Cenecista de Osório (Facos).

Segundo o filósofo grego, é possível criar normas éticas eternas, imutáveis. Não concordamos. Segundo Montaigne, por exemplo, na Idade Média, vários feudos europeus eram palco do seguinte costume: o rei usufruía da primeira noite de núpcias de cada mulher. As pessoas aceitavam e defendiam a idéia. Portanto, era moralmente válida na época, se levamos em consideração que moral e costume, conforme Nietzsche, é a mesma coisa. No século XX, a norma se modificou: ninguém mais considera louvável o rei dispor da virgindade das mulheres. Logo, a norma não é eterna. O caso exposto é apenas um. Vários outros podem ser citados.

Em termos de processo, de procedimento, de atuação diária, o administrador deve estar atento a inovações tecnológicas, sempre visando a aumentar a produção, manter ou melhorar a qualidade, diminuir preço, manter ou aprimorar a satisfação do cliente, do funcionário e respeitar o ambiente natural. Não deve seguir o mesmo costume ou a mesma rotina. O costume se modifica quando necessário.

Platão entende que a vida só é digna do homem quando racional, pois seria a razão a força de contemplação da verdade. Se o homem é dotado de razão (Edgar Morin o classifica como sapiens/demens. Portanto, é ao mesmo tempo racional e irracional), por que às vezes não a usa? Se o homem é o fim, não o meio, como dizia Kant, e é compromisso moral do semelhante contribuir para a realização desse fim, por que continua se mostrando o lobo do homem, como disse Hobbes? Essa última frase se comprova, se lembramos da exploração do homem pelo homem desde tempos remotos. Os mais fracos em geral eram escravos do mais forte, porque perdiam batalhas, porque contraíam dívidas, porque nasciam como servos em feudos, porque eram comercializados como mercadoria da África para as Américas, porque trocavam a força de trabalho por remuneração aviltante, que não lhes proporcionava boas condições de vida nem no século XX, nem no XXI. Logo, talvez o homem não seja racional o suficiente para perceber o que significa a exploração e a destruição dos semelhantes mais fracos intelectual e economicamente.

Platão disse que ser feliz é ser bom. Como a moral tem a finalidade de cultivar o bem, e o que há de mais importante para o homem, segundo Aristóteles, é ser feliz, então quem faz o bem e age conforme a moral alcança a felicidade. Platão afirmava que o homem deve desejar o bem enquanto tal, o que é bom para si e para os outros. Mas as pessoas parecem agir de maneira diferente: vangloriam-se de ter enganado alguém ou alguma instituição. Os valores mudaram.

Platão diz que a execução dos trabalhos não levaria em conta distinção de sexo, mas tão-somente a diversidade de aptidões naturais (Platão, 1996, p. 23). Enfim, não existe função masculina ou feminina. Embora muitos homens tenham força física, algumas mulheres também conseguem igualá-los nesse campo. Mesmo que os homens sejam empreendedores, também há

mulheres com essas qualidades. Existem mulheres qualificadas inclusive em artes marciais. Portanto, esse tipo de mulher também desempenharia a função de segurança. Talvez não haja emprego em que elas não possam atuar tão bem ou melhor que eles. Portanto, não faz sentido o preconceito. Ninguém é melhor ou pior por ser mulher.

Em Eutífron, Platão escreve que Sócrates, seu professor, teria dito que "não seria próprio de um homem inteligente dar presentes a quem não tem necessidade deles" (p. 52). Algumas indústrias de calçados de Três Coroas, Igrejinha e arredores pesquisaram para saber do que os funcionários precisavam: moradias, posto de saúde, creche, locais para o lazer. Então, construíram vilas. É moralmente válido pensar no bem-estar do funcionário e dar aquilo de que precisam.

Em "Apologia de Sócrates", Platão ressalta a necessidade de que "o piloto do barco conheça seu ofício" (p. 61). Ou seja, devem ser contratadas pessoas capazes para exercer as funções. O administrador não concederá vaga a parentes, amigos, namoradas, apenas porque são queridos, mas porque confia neles. Não escolherá funcionário por atributo extra. E, se os colaboradores não dispõem de qualificação, o empregador oferecerá cursos ou verba para o pagamento de graduação ou de cursos de aprimoramento.

Na mesma obra, Platão ressalta que Sócrates não era diplomático ao falar (p. 61). Em uma empresa, rispidez, falta de tato e indelicadeza não são aceitas, nem mesmo dizer a verdade. Seria melhor que todos pudessem falar a verdade, mas isso às vezes é sentido como ofensa. O próprio caso da condenação de Sócrates explica o que acontece ainda hoje no meio empresarial. O Oráculo de Délfus disse que Sócrates era o mais sábio do mundo. Por não se considerar, pois pensara que a única coisa que sabia é que não sabia, resolveu testar os supostos sábios, entre os quais, políticos, poetas e artesãos. Entrevistou um por um e percebeu que se achavam sábios, motivo por que não eram e provou isso para cada um, o que despertou ódio. Os raivosos levantaram acusações falsas a respeito de Sócrates: disseram que desrespeitava os deuses, e isso levou à morte. Enfim, não se pode falar a suposta verdade, muito menos de forma ríspida ou pouco educada. Deve-se usar técnica de persuasão, dizer sem ofender. Talvez o melhor método seja o da crítica pragmática, que consiste em ressaltar aspecto positivo da pessoa e depois levantar o lado negativo, como se não tivesse importância. Mesmo assim, às vezes, o método não funciona.

Platão disse que as vozes dos caluniadores e dos invejosos não teriam se levantado, se Sócrates fizesse o que todos fazem, se fosse igual às pessoas comuns (p. 68). Esse é outro problema. Quem se destaca provoca a inveja, mas também a admiração do gerente ou do diretor, motivo por que pode ganhar promoção. Para manter bom relacionamento, a pessoa cuidará dos detalhes: como tratar as pessoas, o chefe, como falar

nas reuniões, como se autopromover. Tudo é importante, porque, se cometer deslize, e mesmo se não cometer, acenderá a inveja, os colegas passarão a falar mal dela, e o ambiente estará arruinado.

Segundo Platão, Sócrates dizia que a única coisa que sabia é que não sabia. Mostrar humildade é sempre positivo: alimenta menos ira, significa que a pessoa tem interesse por aprender e dúvida de si. Agindo assim, pode aprimorar-se. Aquele que pensa conhecer tudo estaciona.

Platão diz que "se devem afrontar os perigos e não pensar na morte nem em nenhum outro mal" (p. 79). No mercado, esse tipo de atitude, mesmo louvável pela coragem moral, causa danos, embora não só Platão como os demais filósofos garantam que se deve fazer o que é certo, sem pensar nas conseqüências, ou seja, enfrentar os perigos sem pensar na morte. Se um curtureiro é obrigado pelos órgãos estaduais a investir em tratamento de efluentes, mas não dispõe de recursos, entra em falência se investir no que é exigido, mas deve encontrar alternativas, como parcerias, convênios, ingresso em associações com a mesma finalidade. Ao contrário do que diz Platão, deve pensar, sim, no que virá depois de atitude equivocada, pois da empresa depende, às vezes, uma centena de pessoas.

Se um funcionário erra, e o equívoco compromete a empresa financeiramente, e este funcionário admite o erro, isso pode fazê-lo perder o emprego ou ganhar a admiração do diretor, como aconteceu em empresa de porte médio em Novo Hamburgo/RS. Às vezes, compensa defender os ideais, mas não creio que deixar de medir as conseqüências seja o mais acertado. Nesses casos, preferimos a teoria utilitarista, segundo a qual devemos pensar nos benefícios das ações.

Sócrates, em "Crítion", é elogiado por suportar a desgraça com tranqüilidade (p. 101). No que tange à administração, quando há problema grave, erro gerador de prejuízo, percebem-se alguns tipos de comportamento. Alguns trabalham na solução; outros, na descoberta do culpado; um terceiro grupo se desespera e ofende os demais por pequenos motivos, como não haver café, faltar vaga no estacionamento, o banheiro cheio de gente. Parece óbvio que não se deve perder tempo procurando o responsável, mas, sim, consertar o erro. Quanto a perder o controle, o profissional é pago para resolver problemas, não para queixar-se. Por isso deve se preparar para suportar e resolver os problemas.

Sócrates disse que, mesmo que a sorte se declare contra ele, nunca abandonará as máximas que professou (p. 104). Essa idéia pode ser transportada para o meio empresarial. Muitos administradores desenvolvem projetos que beneficiam os funcionários em épocas de faturamento elevado, uma vez que defendem o bem-estar do colaborador, mas deixam de agir dessa forma em períodos de baixa. O funcionário, nos períodos de fatura, é a alma da empresa e merece reconhecimento financeiro; na baixa, deixa de sê-lo? É

claro que se poderia argumentar: se a empresa não dispõe de recursos, de que forma oferecerá benefícios? Acaso o administrador seja pego de surpresa por contratempo de mercado, pode realmente não ter condições, mas não é isso que, em geral, ocorre. O empresário organizado conhece os períodos de alta e de baixa. Portanto, se prepara, aumentando as reservas num e controlando os gastos em outro, para agir da mesma forma em todos os momentos.

Platão ressalta a importância de se desprezar as más opiniões e de se aproveitar as boas (p. 105). Como saber se uma opinião é boa ou má? Testando, raciocinando com auxílio da dialética. O administrador incentivará todos a dizerem o que pensam. Não perseguirá os descontentes e valorizará cada idéia, mas só a colocará em prática depois de estudá-la, de analisar aspectos positivos e negativos de cada uma. Desprezará as más opiniões (ou idéias) e aproveitará as boas.

De acordo com Platão, deve-se escolher o melhor e mais seguro caminho e se deixar prender a ele, a menos que se encontre outro melhor e mais seguro (p. 152). Para chegar à conclusão de que se deve insistir numa idéia mais justa, honesta e rentosa, o administrador analisará o problema sob todos os pontos de vista para evitar riscos. Segundo Aristóteles, um sábio evita os transtornos. É preciso fazer reavaliações constantes. Assim, percebe se é necessário ou não mudar de curso. O radicalismo não-inteligente. A filosofia grega sempre enfatizou o caminho do meio, do comedimento.

Platão garantiu serem raras as pessoas boas e as más. Na sua opinião, o normal é a mediania (p. 156). Portanto, o administrador não exigirá do funcionário excelência em todas as funções, até porque ele próprio não alcançaria a perfeição. As pessoas erram, agem de maneira contraditória, alternam o estado emocional. São, pois, medianas, nem geniais, nem péssimas.

Para Platão, o discutidor teimoso é ignorante e não entra em confronto verbal para aprender a possível verdade, mas para impor sua opinião. É comum encontrar esse tipo de pessoa em reunião de trabalho. Há inclusive chefes com tais características. Nesse tipo de situação, talvez não haja como se chegar à verdade, porque o discutidor teimoso e ignorante dificilmente reconhecerá o equívoco. Claro que a verdade é relativa. Para cada situação, há muitas possíveis. Por intermédio do argumento, do raciocínio, da inteligência, de dados e números, se prova a verdade de determinado momento.

Platão disse que Sócrates mostrava respeito pelos outros. Momentos antes de ingerir cicuta, visto que fora condenado à morte pelo povo de Atenas, ajudado por ele ao longo de décadas, pensou em lavar-se para não obrigar alguma mulher a limpar um cadáver (p. 187) e pediu a um dos discípulos, Crítion, que pagasse a dívida de um galo com Asclápios (p. 191). O administrador também respeita o funcionário, as preferências, opiniões, limitações e necessidades dele. Afinal, trata-se de outro ser humano, que enfrenta problemas financeiros, emocionais e que às vezes pode não estar em condições de produzir.

Em *A República*, Platão elogiou a experiência da velhice. "Nada me agrada tanto como praticar com pessoa de idade, pois as considero como viajantes que percorreram um longo caminho (...) por isso acho necessário informar-se com elas" (Platão, s/d, p. 11). No mercado de trabalho, no início do século XXI, não se dá valor à experiência. Trabalhador de 40 anos, dependendo da função, já é considerado velho e ultrapassado. Isso é um equívoco. Por causa da prática, a pessoa tem mais condições de resolver problemas, porque já os enfrentou e sabe como solucioná-los, ao contrário do jovem que, por não saber, se desespera. Uma qualidade deste último é a energia, de que o velho às vezes não dispõe, mas até nisso não vemos vantagem em favor do jovem. Se pensarmos nas artes marciais, saberemos que os jovens gastam energia e terminam, às vezes, com desempenho insatisfatório. O experiente sabe o momento para atacar ou para se defender. Ser velho é virtude, não defeito.

Enfim, dependendo da leitura, do nível de interpretação, pode-se refletir a respeito do mercado de trabalho, baseando-se nas idéias de Platão.

Referências:

ARISTÓTELES. *Ética*. São Paulo: Ediouro, s/d.

_____. *De Anima*. Buenos Aires: Juarez Editor, 1969.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

KANT, Emmanuel. *Crítica da razão prática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d..

MONTAIGNE, Michel. *Ensaios*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia sabedoria*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Terra-pátria*. 3. ed. Porto Alegre, 2000.

NIETZSCHE. *Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

PLATÃO. *A República*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.